

# REESCRITA DO CONTO “O RELÓGIO DE OURO”, DE MACHADO DE ASSIS NA PASSAGEM DO JORNAL PARA O LIVRO

Flávia Barretto Corrêa CATTA  
Universidade de São Paulo (USP/CNPq)<sup>1</sup>

## RESUMO

*Este artigo tem por objetivo analisar as alterações feitas no conto “O relógio de ouro” na passagem do Jornal das Famílias para o livro Histórias da meia-noite. Para tanto, pretende-se ilustrar as particularidades de cada publicação e aventar hipóteses interpretativas para algumas das mudanças exemplificadas.*

## ABSTRACT

*This paper aims at analyzing the changes made in the short story “O relógio de ouro” from the periodic Jornal das Famílias to the book Histórias da meia-noite. In order to do that, it's important to highlight the particularities of each media and offer a hypothesis for some of the given changes.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Machado de Assis. Conto. Reescrita. “O relógio de ouro”. Jornal das Famílias. Histórias da meia-noite.*

## KEYWORDS

*Machado de Assis. Short story. Rewriting. “O relógio de ouro”. Jornal das Famílias. Histórias da meia-noite.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq.

Machado de Assis publicou mais de 200 contos durante a sua carreira de escritor, a grande maioria deles apareceram inicialmente nos jornais da época e depois foram reunidos em livros pelo próprio autor, ou postumamente, por diferentes organizadores. O mais notável deles talvez seja Mário de Alencar que cuidou da herança literária de Machado, organizando seus papéis, publicando vários materiais inéditos, reeditando outros e guardando as cartas e memórias do seu “pai espiritual” (AMPARO, 2011: 21).

Há muitas controvérsias quanto ao número exato de contos pertencentes a Machado de Assis. A primeira razão é que ainda não foi estabelecido um corpus definitivo da obra machadiana. Não raramente, os pesquisadores descobrem materiais desconhecidos pela crítica mesmo depois de mais de 100 anos da morte do autor. O exemplo mais recente foi a descoberta de Felipe Rissato que encontrou poemas, uma crítica e uma crônica que ainda não haviam sido atribuídos a Machado<sup>2</sup>. Além disso, o escritor utilizava diferentes pseudônimos, alguns deles não legitimados por certos pesquisadores e outros que poderiam ser confundidos com colaboradores da mesma época:

Este problema continua presente a desafiar a crítica textual para que se possa chegar a um corpus definitivo, lastreado pela pesquisa e por uma documentação confiável. Muitos dos pseudônimos, por serem, na verdade, pseudo-iniciais, prestam-se a equívocos constantes. Por exemplo, M. de A. são iniciais de Machado de Assis, mas também de Moreira de Azevedo, que, assim como Machado, colaborava na imprensa literária. É um problema ainda sem solução, e o corpus de que dispomos é aquele que a crítica vem construindo ao longo do tempo. Com os

---

<sup>2</sup> A notícia foi divulgada pelos meios de comunicação (veja reportagem da *Folha* <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/06/1785302-pesquisador-encontra-chronica-em-que-machado-de-assis-chora-morte-da-mac.shtml>) e será publicada na *Revista Brasileira* n° 87 e na revista *Livro* n° 05).

acertos e os equívocos inevitáveis em toda obra humana (RIBEIRO, 2008: 10).

Pelos motivos anteriormente expostos, não é consenso afirmar quantos contos Machado publicou no *Jornal das Famílias*; José Galante de Souza soma 62 contos; John Gledson refere 70 contos; Jean-Michel Massa e Magalhães Júnior não chegam a um número definitivo (SILVEIRA, 2005:04).

Desse modo, o corpus da obra machadiana ainda é passível de discussões e transformações. É o velho dilema entre acrescentar à obra tudo que pareça pertencer, mesmo remotamente, a Machado ou de se considerar apenas o que está claramente identificado como produção do autor; “integridade e autenticidade, longe de coincidirem, acabam por, muitas vezes, revelar-se noções radicalmente opostas” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004: 170).

No entanto, o conto a ser tratado neste artigo não apresenta problema de identificação de autoria. “O relógio de ouro” foi publicado em abril e maio de 1873, no *Jornal das Famílias*, e era assinado pelo pseudônimo Job. No mesmo ano, Machado publica a coletânea de contos *Histórias da meia-noite*, e escolhe esse texto para reaparecer na versão em livro, juntamente com outros 5 contos, todos publicados no mesmo *Jornal* anteriormente.

Nessa passagem de jornal para livro, é notável como a distinção do suporte solicita alterações inerentes a cada tipo de publicação. Além da disposição gráfica, dos recortes e pausas que são específicos da publicação periódica, o público leitor também se diferencia substancialmente. Como afirma Chartier (2002: 61-62):

Os textos não existem fora dos suportes materiais (seja eles quais forem) de que são os veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão

participam profundamente da construção dos seus significados. O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação.

A leitura coletiva e em voz alta, por exemplo, era comumente realizada por leitores de periódicos. Tal prática de leitura requer um tipo de escrita adequada e coerente a esse público; é necessário, portanto, que o escritor adapte o seu texto de acordo com os requisitos de cada publicação. Essa característica de leitura coletiva interferia na composição do texto, muitas vezes com a simplificação e a banalização das estruturas narrativas que “facilitariam o consumo oral por parte dos analfabetos que presenciavam os habituais serões de leitura” (CRESTANI, 2009: 53).

Somando-se a isso, era necessário haver uma adequação da matéria escrita ao perfil do periódico. Sendo assim, algumas decisões como a simplificação dos personagens, o maniqueísmo, o romantismo exacerbado e a suspensão da narrativa eram elementos indispensáveis para a publicação de um texto no jornal (HALLEWELL, 2005: 210).

O perfil dos leitores de determinado veículo também é um elemento que deve ser levado em conta. Apesar dos baixos níveis de alfabetização e do exíguo número de leitores do Rio de Janeiro do século XIX (GUIMARÃES, 2004), é interessante notar que o perfil de leitor do *Jornal do Comércio* não era, necessariamente, o mesmo perfil de leitor de *A Estação*. Mesmo quando se tratava de uma mesma pessoa lendo cada um dos jornais, os objetivos de leitura de um ou outro periódico usualmente eram diferentes. Enquanto um se destinava a noticiar o andamento da vida comercial, o outro tencionava, principalmente, à recreação das famílias e às tendências de moda.

O *Jornal das Famílias* foi originário da *Revista Popular* e teve grande sucesso na época, sendo publicado durante os anos de 1863 a 1878. A revista era voltada, principalmente, para as mulheres; oferecia às leitoras

dicas de economia doméstica, receitas, moldes de bordados e vestidos e gravuras ricamente ilustradas com as últimas novidades da moda europeia.

No periódico havia, também, a Seção literária, composta por textos dos mais diversos autores, destinados a entreter e “educar” as boas moças.

Editado por Bastite Louis Garnier, o periódico era impresso na França por razões práticas e econômicas; mesmo com o frete transatlântico, a impressão francesa era mais barata e de melhor qualidade do que a brasileira. (HALLEWELL, 2005: 200-1).

A assinatura para o Rio e Niterói custava 10\$000 e 12\$000 para as províncias, o que pode ser considerado um valor relativamente alto se pensarmos que o livro de poemas *Crisálidas*, de Machado de Assis, valia 1\$500 na época. (PINHEIRO, 2007).

O *Jornal das Famílias*, assim como a maioria dos periódicos, tinha um público-alvo bem específico e as suas intenções foram apresentadas desde a carta-programa publicada junto com o primeiro número:

#### AOS NOSSOS LEITORES

O benigno acolhimento com que foi sempre recebida, durante cinco anos completos, a *Revista Popular*, já pelo público desta Corte, já pelo dos de mais províncias do império, é credor da cordial gratidão que, com prazer, lhe tributamos. [...]

Hoje, mas corajosos do que dantes, [...] resolvemos sob o novo título de *Jornal da Famílias*, melhorar a nossa publicação. O *Jornal das Famílias*, pois, é a mesma *Revista Popular* doravante mais exclusivamente dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileiras. [...]

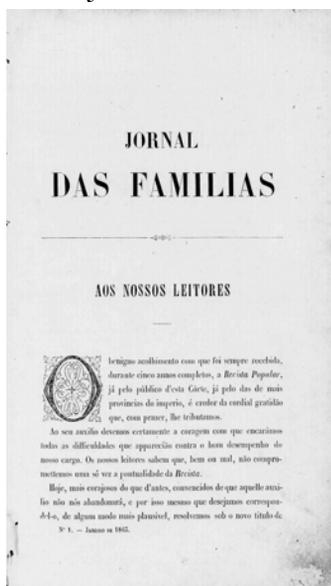
Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao país, à economia doméstica,

à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias.

O *Jornal das Famílias* sai uma vez por mês nitidamente impresso em Paris, e dará aos seus assinantes, no correr da publicação, gravuras, desenhos à aquarela coloridos, moldes de trabalhos de crochê, bordados, lã, tapeçaria, figurinos de modas, peças de músicas inéditas, etc. para o que tem contratado naquela capital os melhores artistas. Certa de que assim preencherá uma falta, geralmente observada, com esta publicação, e contando com o benigno acolhimento público que mereceu a *Revista Popular*, compromete o seu mais fiel desempenho nesta empresa.

## A REDAÇÃO

FIGURA 1: *Carta programa do Jornal das Famílias*



Fonte: Hemeroteca digital

Essa carta-programa nos lembra da “reduzida liberdade de ação dos colaboradores” (MASSA, 1971: 542), dos quais se esperava que se encaixassem nos padrões propostos pelo folhetim, sob pena de cancelamento da assinatura por parte dos pagantes, com consequências negativas tanto para o editor quanto para o escritor.

Quando reescreve o texto para o livro, o escritor alcança, de certa forma, uma liberdade maior para expressar seu ponto de vista e deixa emergir questões que haviam sido silenciadas na publicação anterior.

Isso também nos leva a pensar como Machado de Assis tinha consciência das particularidades de cada veículo de publicação e do público leitor ao qual se dirigia e “de que a composição do texto não pode estar desvinculada das marcas de gênero e de sua materialidade” (SARAIVA, 2008: 200).

Este processo pode ser visto quando analisarmos as mudanças feitas de uma versão para outra do conto “O relógio de ouro”.

Publicado pela primeira vez em abril e maio de 1873, “O relógio de ouro” narra uma cena familiar em que o marido Luís Negreiros, ao chegar em casa um dia, encontra um relógio que não era dele nem da mulher. Desconfiado, pergunta à esposa, Clarinha, a quem pertenceria o objeto. Durante o confronto, a moça mantém-se calada e o drama começa a se desenrolar. Mais tarde, o sogro de Negreiros aparece para o jantar e lembra que no dia seguinte o genro faria aniversário. Aliviado, Luís Negreiros tenta se reconciliar com a esposa pois acredita que o relógio seria um presente para ele. Ao perceber a indignação de Clarinha quando ele lhe agradece o presente, Luís Negreiros perde a compostura e ameaça matá-la caso não fale logo a verdade. Por fim, a esposa mostra-lhe um bilhete da amante de Negreiros que havia chegado junto com o fatal objeto.

Vejam, agora, algumas das modificações realizadas pelo escritor entre a primeira versão do *Jornal das Famílias* e a segunda versão publicada no livro *Histórias da meia-noite*.

### QUADRO 1

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
Agora contarei a história do relógio de ouro. Era um grande cronômetro, novinho e trabalhando sobre umas quantas pedras preciosas.	Agora contarei a história do relógio de ouro. Era um grande cronômetro, inteiramente novo, preso a uma elegante cadeia.

Nas primeiras linhas do conto já podemos observar alterações significativas. A primeira delas é a criação de um novo parágrafo que deixa de existir na versão em livro. Como sabemos, os escritores de periódicos ganhavam por linhas escritas (RIBEIRO, 2006), portanto é muito comum encontrarmos nos contos dos jornais uma quantidade muito maior de parágrafos do que verificamos nos livros.

Em seguida, os adjetivos escolhidos para descrever o relógio são, sem dúvida, mais modestos e concisos na segunda versão. A inclusão do vocábulo “cadeia” também remete à questão escravista que é tocada levemente na primeira versão e que foi incorporada com mais força na versão em livro.

Vejamos outros exemplos de alterações:

### QUADRO 2

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
A declaração apenas mudou o assunto do discurso, que versou então sobre a terrível coisa que era um jantar requentado, ideia que o poeta já havia resumido neste verso tornado axioma: <i>Un diner réchauffé ne valut jamais rien.</i>	A declaração apenas mudou o assunto do discurso, que versou então sobre a terrível coisa que era um jantar requentado, — <i>qui ne valut jamais rien.</i>

## QUADRO 3

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
Pouco depois saía o pai de Clarinha protestando de novo que, se no dia seguinte os achasse do mesmo, nunca mais voltaria à casa deles, e que se havia coisa pior que um jantar frio ou requentado, era um jantar mal digerido. Outras muitas coisas mais disse o sogro de Luís Negreiros, mas como não interessam à história, deixo-as de referir nesta ocasião.	Pouco depois saía o pai de Clarinha protestando de novo que, se no dia seguinte os achasse do mesmo modo, nunca mais voltaria à casa deles, e que se havia coisa pior que um jantar frio ou requentado, era um jantar mal digerido. Este axioma valia o de Boileau, mas ninguém lhe prestou atenção.

É notável a concisão na citação do trecho da obra *Le lutrin*, de Boileau, na Tabela 2. Na segunda versão, temos acesso somente à metade do verso e ainda modificado pelo escritor, movimento característico nas citações que Machado fazia e pelo qual foi muito criticado pelos seus contemporâneos (MADEIRA, 2004: 66).

Os textos das Tabelas 2 e 3, embora não imediatamente subsequentes, são ligados pela retomada da citação de Boileau, agora nomeadamente expresso, na versão em livro. Na primeira versão, o nome de Boileau não é citado, ou seja, quem não conhecesse o verso do *Le Lutrin* não seria capaz de entender a atribuição de autoria. E quem foi Boileau e por que isso é importante? Por que citar explicitamente um autor apenas na versão em livro e não no *Jornal da Famílias*?

Machado tinha grande apreço por Boileau e pelos poetas satíricos em geral. O trecho citado acima está no canto XX do *Le Lutrin*, poema herói-cômico composto entre 1674 e 1683 que serviu de inspiração para António Dinis de Cruz e Souza compor *O hissope* (publicado postumamente em 1802), outra obra admirada e emulada por Machado. Na Advertência ao poema herói-cômico “O Almada”, Machado afirma que se inspirou nesses dois autores; nessas “duas composições célebres

[...] que são verdadeiramente inimitáveis”(ASSIS, 1910) para compor o seu texto.

Podemos entender que uma referência tão explícita à poesia satírica não casaria muito bem com “interesses domésticos das famílias brasileiras”, mas que não ofenderia os leitores do livro. As referências à sátira vão se estender por toda a obra machadiana, inclusive inspirando uma crítica literária que vê na tradição satírica uma das chaves de interpretação da obra de Machado de Assis.

Vejam agora algumas outras alterações feitas nesse conto:

#### QUADRO 4

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
Tratava-se de uma charada. Luís Negreiros gostava de charadas, e passava por ser decifrador intrépido; mas gostava de charadas nos almanaques ou nos jornais de moda.	Tratava-se de uma charada. Luís Negreiros gostava de charadas, e passava por ser decifrador intrépido; mas gostava de charadas nas folhinhas ou nos jornais.

Na versão em livro, além da exclusão de parágrafos, também é retirada a informação de que Luís Negreiros gostava de charadas nos jornais *de moda*. Isso parece indicar um desejo de distanciamento do veículo de publicação da primeira versão. Essa referência, naquele contexto, dialogava com os leitores do *Jornal das Famílias* (no qual a moda era assunto importante), e muitos desses leitores, assim com Negreiros, poderiam gostar desse tipo de passatempo.

Embora constataremos que, de modo geral, grande parte das alterações caminham para uma concisão do texto, há também, na reescrita de “O relógio de ouro”, várias adições. Vejam uma delas que acontece no momento em que Meireles (o sogro) está jantando com Clarinha e Negreiros:

## QUADRO 5

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
<p>Meireles era um homem alegre, pilhérico, talvez frívolo demais para a idade e a posição que ocupava. O genro gostava muito de o ter à mesa. Infelizmente havia um ponto negro na sociedade; Clarinha estava triste e poucas palavras respondia às muitas que lhe dirigiam o marido e o pai</p>	<p>Meireles era um homem alegre, pilhérico, talvez frívolo demais para a idade, mas em todo o caso interessante pessoa. Luís Negreiros gostava muito dele, e via correspondida essa afeição de parente e de amigo, tanto mais sincera quanto que Meireles só tarde e de má vontade lhe dera a filha. Durou o namoro cerca de quatro anos, gastando o pai de Clarinha mais de dois em meditar e resolver o assunto do casamento. Afinal deu a sua decisão, levado antes das lágrimas da filha que dos predicados do genro, dizia ele</p> <p>A causa da longa hesitação eram os costumes pouco austeros de Luís Negreiros, não os que ele tinha durante o namoro, mas os que tivera antes e os que poderia vir a ter depois. Meireles confessava ingenuamente que fora marido pouco exemplar, e achava que por isso mesmo devia dar à filha melhor esposo do que ele. Luís Negreiros desmentiu as apreensões do sogro; o leão impetuoso dos outros dias, tornou-se um pacato cordeiro. A amizade nasceu franca entre o sogro e o genro, e Clarinha passou a ser uma das mais invejadas moças da cidade.</p>

	<p>E era tanto maior o mérito de Luís Negreiros quanto que não lhe faltavam tentações. O diabo metia-se às vezes na pele de um amigo e ia convidá-lo a uma recordação dos antigos tempos. Mas Luís Negreiros dizia que se recolhera a bom porto e não queria arriscar-se outra vez às tormentas do alto mar.</p> <p>Clarinha amava ternamente o marido, e era a mais dócil afável criatura que por aqueles tempos respirava o ar fluminense. Nunca entre ambos se dera o menor arrufo; a limpidez do céu conjugal era sempre a mesma e parecia vir a ser duradoura. Que mau destino lhe soprou ali a primeira nuvem?</p>
--	--

Essa longa adição é muito significativa para a interpretação do conto porque traz um histórico sobre a vida de Luís Negreiros e nos alerta para o passado maculado dele. Ilustra também, como o pai da moça desconfiava no futuro genro e acreditava que a filha mereceria um partido melhor. Essas informações não foram oferecidas aos leitores do *Jornal*.

Apesar do alerta do narrador sobre o caráter de Luís, em uma primeira leitura não desconfiamos inicialmente de Negreiros e a situação narrativa nos leva a crer que Clarinha realmente estaria escondendo algo que a incriminasse. Somente ao final do conto e durante o processo de releitura é que percebemos o quanto fomos coniventes com a violência sofrida pela esposa. Esse trecho ilustra também a nossa aderência ao discurso do narrador sem ao menos considerarmos as informações dadas por ele mesmo que possam ser contrárias às nossas expectativas.

Uma outra mudança substancial pode ser encontrada no seguinte trecho:

QUADRO 6

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
Luís Negreiros, depois de muito e muito cogitar, inclinou-se à mais triste e deplorável das hipóteses. Abriu a secretária, e tirou de dentro de uma gaveta secreta um revólver de seis tiros. Estava carregada. Meteu-o no bolso, e foi ter com a mulher.	Luís Negreiros, depois de muito cogitar, inclinou-se à mais triste e deplorável das hipóteses. Uma ideia má começou a enterrar-se-lhe no espírito, à maneira de verruma, e tão fundo penetrou, que se apoderou dele em poucos instantes. Luís Negreiros era homem assomado quando a ocasião o pedia. Proferiu duas ou três ameaças, saiu do gabinete e foi ter com a mulher.

O uso do revólver, na primeira versão, deixa a cena com um tom melodramático bastante acentuado, algo esperado do gênero folhetinesco. Por outro lado, na versão em livro, aparece a ideia da verruma, algo que será retomado em vários outros momentos pelo autor, por exemplo, no conto “D. Monica” (1876), no capítulo LI, “É minha!”, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1901) e no capítulo XLVII, “São Mateus, IV, 1-10, do romance *Esau e Jacó*” (1904).

Para concluir, mostraremos o trecho final do conto conforme apareceu em cada uma das versões:

QUADRO 7

<i>Jornal das Famílias</i>	<i>Histórias da meia-noite</i>
Luís Negreiros recebeu a carta; chegou-se à lamparina e leu estupefato estas linhas: “Meu bebê. Sei que amanhã fazes anos; mando-te esta lembrança. — Tua Zeferinal” Imagine o leitor o pasmo, a vergonha, o remorso de Luís Negreiros, admire a constância de Clarinha e a vingança que tomara, e de nenhum modo lastime a boa Zeferina, que foi totalmente esquecida, sendo perdoado Luís Negreiros, e tendo Meireles o gosto de jantar com a filha e o genro no dia seguinte.	Luís Negreiros recebeu a carta, chegou-se à lamparina e leu estupefato estas linhas: “Meu nhonhô. Sei que amanhã fazes anos; mando-te esta lembrança. — Tua Iaiá.” Assim acabou a história do relógio de ouro.

A troca das formas de tratamento de “bebê” por “nhonhô” e “Zeferina” por “Iaiá”, na versão em livro, ressalta e reforça a alusão à escravidão já contida no nome de Luís Negreiros, na referência à “cadeia” do relógio e à própria condição de escrava, se podemos dizer assim, de Clarinha.

Na versão de “O relógio de ouro” publicada *no Jornal das Famílias*, depois da revelação do verdadeiro dono do relógio, o autor acrescenta uma espécie de prólogo, onde explica o desenrolar da história; a paz familiar é mantida, o marido perdoado e a amante esquecida. Exatamente como as leitoras da revista esperavam e deveriam agir em situação semelhante.

Atualmente, com o estabelecimento do nome de Machado de Assis no cânone literário, esquecemos por vezes que ele também foi um escritor de folhetim (devendo, portanto, seguir o estilo de escrita próprio do gênero, com certa dose de subversão como pudemos ver), praticante

da “convenção estilística das leitoras de folhetins, em que os chavões idealizantes mascaravam uma conduta de classe perfeitamente utilitária” (BOSI, 1982: 437).

Já na versão do conto publicada em livro, o narrador suspende o desfecho do caso e subverte toda a expectativa do leitor, provocando uma reflexão sobre nossos próprios preconceitos e sobre o julgamento antecipado que comumente dispensamos a Clarinha. Além disso, cria-se uma tensão e suspense, já que não ficamos sabendo o que aconteceu com o relacionamento do casal em seguida.

Com a substituição do epílogo apaziguador e explicativo (de certa forma, esperado para a versão em folhetim) pelo final inesperado e abrupto (“Assim acabou a história do relógio de ouro”), percebemos uma semelhança com um modo de narrar machadiano, mais frequentemente presente em seus textos posteriores, que consiste em retirar cada vez mais os elementos que deem ou possam dar respostas prontas, forçando-nos a interpretar ou buscar explicações por nós mesmos.

Ao analisar essas alterações, esperamos ter mostrado como Machado trabalhou da reescrita do texto, exercendo um papel de crítico e leitor da própria obra, muito atento às questões mais imediatas do seu entorno.

## Referências

AMPARO, Flávia. **Mário de Alencar**: cadeira 21, ocupante 2. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2011.

ASSIS, Machado. **Histórias da meia-noite**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1873.

\_\_\_\_\_. **O relógio de ouro**. *Jornal das Famílias*, tomo XI, abril e maio de 1873, p.117-120; 129-132.

\_\_\_\_\_. **Outras relíquias**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910.

BOSI, Alfredo. **A máscara e a fenda**. In: BOSI et al., Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982. p. 437–457.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19**. São Paulo: Nankin, EDUSP, 2004.

MADEIRA, Wagner Martins. **A tradição da sátira menipeia nos romances crepusculares de Machado de Assis**. Machado de Assis em linha. v.07, n.13, junho 2014, p. 63-77. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mael/v7n13/05.pdf>>. Acesso em: 11-08-2016.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis (1839-1870): Ensaio de Biografia Intelectual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

PINHEIRO, Alexandra Santos. **Para além da amenidade – O *Jornal das Famílias* (1863-1878) e sua rede de produção**. 2007. 278f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Instituto de Linguagem, Universidade de Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/teses/pdfs/alexandra.pdf>>. Acesso em: 11-08-2016.

RIBEIRO, José Alcides. **“Ficção e imprensa no brasil: os processos de criação de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar”**. Manuscrita Revista de Crítica Genética, vol. 1, no. 14, 101–115, 2006.

RIBEIRO, Luis Felipe. **Machado, um contista desconhecido**. Machado de Assis em linha. v. 1, n.1, junho 2008. p. 7-18. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero01/num01artigo02.pdf>>. Acesso em: 11-08-2016.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Entre o folhetim e o livro:** a exposição da prática artesanal da escrita. In: GUIDIN, Márcia Lígia, GRANJA, Lúcia & RICIÉRI, Francine Weiss (Orgs.), Machado de Assis ensaios da crítica contemporânea. São Paulo: UNESP, 2008.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. **Contos de Machado de Assis:** leitura e leitores do *Jornal das Famílias*. 2005. 210f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000343999&fd=y>>. Acesso em: 11-08-2016.

Recebido em 10/10/2016 e aceito em 06/12/2016